

A FILOSOFIA EDUCACIONAL DE MAXINE GREENE: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO RELIGIOSA NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO PÓS-MODERNA

Mágela de Souza*

Resumo

Este artigo analisa a filosofia de Maxine Greene a fim de extrair implicações para a educação religiosa confessional, e utilizar insights que possam ser relevantes para um cumprimento mais efetivo de sua missão e alvos. O interesse de Greene por tópicos tais como liberdade, imaginação e comunidade fornecem importante conexão com a educação religiosa confessional, especialmente a adventista. Sua ênfase nas artes a fim de confrontar os aprendizes com um rico conjunto de possibilidades e, portanto, levá-los a ver seu mundo criticamente, contém exemplos instrutivos para a educação religiosa confessional.

Palavras-chave: Ensino religioso. Pós-modernidade. Liberdade. Imaginação.

Abstract

This article is devoted to examining the educational philosophy of Maxine Greene in order to draw implications for confessional religious education, and to utilize insights that may be relevant to a more effective fulfillment of its mission and to the achievement of its goals. Greene's concern for topics such as freedom, imagination, and community provide interesting connections with, and may contribute to, Adventist religious education. Her emphasis on the arts as capable of confronting learners with a rich set of possibilities, thereby leading students to see their own world critically, contains instructive examples for confessional religious education.

Key Words: Religious education. Post-modernism. Freedom. Imagination.

Em tempos de maior complexidade ou de grande fluidez, como o tempo em que vivemos, o ensino religioso necessita ser abordado, considerando os fatores do pluralismo e a complexidade da sociedade atual. Depois de entender que o mundo pós-moderno é caracterizado por certa fragmentação e pela procura por significado, além da influência da mídia, gerando alienação, pluralismo e busca por comunidade e relacionamentos (GRENZ,

1996; GRIFFI, 1998; JAMESON, 1991), entendi, como educadora do ensino religioso, que se faz necessária uma visão crítica, embora não hostil, da cultura contemporânea para se entender o processo da educação religiosa mais efetivamente, e ajudar os estudantes a encontrar o real significado da vida e a servir a outros. Por essa razão, decidi estudar a filosofia educacional de Maxine Greene, uma educadora humanista e filósofa

*Mágela de Souza é mestre em educação religiosa pela Universidade Andrews, nos Estados Unidos. Atualmente, é professora da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (FAENE): eliasmagela@yahoo.com.br.

existencialista. Greene aborda, com persistente ênfase, os temas da liberdade, justiça, comunidade, democracia, imaginação, consciência crítica, equidade e igualdade. Segundo Pinar (1998, p. 108-121), “Maxine Greene é a mais proeminente filósofa de educação de sua geração, uma das figuras mais importantes de qualquer geração”.

O posicionamento de Greene a respeito da filosofia educacional e seu confronto com o pensamento filosófico em geral foi influenciado por uma combinação de suas próprias experiências de vida, incluindo sua condição de mãe e esposa (HOLLINGSWORTH, 1998, p. 71-77), e sua exposição ao pensamento de Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus, Alfred Schutz, Soren Kirkegaard e Maurice Merleau-Ponty (MORRIS, 1998, p. 125-136). Esses existencialistas e fenomenologistas forneceram, em grande parte, a base teórica sobre a qual Greene pôde articular suas preocupações de fazer “filosofia como um modo de crítica social.” (GREENE, 1995). Greene percebeu nas obras de filósofos atormentados, ecos de seus próprios desejos pessoais, ansiedades, preocupações e ideais.

Desde cedo, Greene teve de confrontar-se com situações difíceis concernentes aos assuntos de gênero, raça e posição social devido a sua condição de mulher judia americana da classe média. No contexto dessas circunstâncias, Greene

desenvolveu uma aguçada sensibilidade para os assuntos existenciais.

Quando Greene começou sua carreira como filósofa da educação, a fonte primária da legitimação da educação de sua época vinha da tradição anglo-americana, com suas análises lógicas e lingüísticas (KOHLI, 1998, p. 14). Greene deu um corajoso passo ao romper com a tradição filosófica aceita para propor uma abordagem fenomenológica-existencial. Dessa maneira, consistente com suas pressuposições filosóficas, ela reconhece que

minhas interpretações são provisórias, eu tenho tomado parte na rejeição pós-moderna de molduras racionais inclusivas nas quais todos os problemas, todas as incertezas podem ser resolvidas. Tudo o que nós podemos fazer, eu acredito, é cultivar múltiplos modos de ver e multiplicar diálogos em um mundo onde nada permanece igual (GREENE, 1995, p. 16).

Como existencialista, Greene reconhece que os seres humanos são livres para escolher. Segundo ela, “não há valores pré-definidos, nem princípios morais que determinem a priori o que é bom. Sozinho e condenado à liberdade, o indivíduo precisa escolher” (GREENE, 1995, p.16).

A FILOSOFIA DE MAXINE GREENE E A EDUCAÇÃO RELIGIOSA CONFESSIONAL

A filosofia existencialista de Greene, ao colocar o ser humano como o centro da realidade, parece ser radicalmente oposta à filosofia educacional confessional, especialmente a adventista. Se o propósito da educação cristã é restaurar a imagem de Deus na humanidade, como a educação adventista propõe, a filosofia antropocêntrica de Greene parece não deixar nenhum espaço para que esse alvo de restauração seja realizado. Além disso, Bowers (1991), por exemplo, criticou a visão antropocêntrica do mundo de Greene da perspectiva da crise ecológica. De acordo com Bowers (1991, p. 326), a argumentação de Greene que liberdade envolve formas tradicionais problematizantes de autoridade e progresso executáveis por meio da mudança, não leva em consideração o fato de que a raça humana vive em “relacionamento interdependente com o sistema natural – plantas, animais, solo e outras partes do mundo natural que compõem a informação e as cadeias alimentares que sustentam a vida”.

Apesar disso, Greene parece sustentar uma visão muito otimista do ser humano. Embora ela admita falhas, como a ganância que corrompe a humanidade, ela sugere que os seres humanos podem superar essas deficiências através de processos críticos e criativos. Sendo uma

agnóstica, Greene obviamente não deixa nenhuma margem para a intervenção de Deus nos assuntos humanos, nem faz qualquer insinuação de que os seres humanos necessitem de Jesus para construir uma sociedade melhor e trabalhar pelo bem comum de outros. De acordo com sua filosofia educacional, todas as possibilidades devem ser realizadas pelos humanos enquanto lutam para vencer suas limitações e constroem um mundo melhor. Também, como resultado dessa filosofia antropocêntrica e visão imanente da realidade, não há espaço no pensamento de Green para o conceito da revelação de Deus nas Escrituras Sagradas.

Todavia, a despeito de seu antropocentrismo e sua aparente indiferença em relação a qualquer intervenção de um ser transcendente nos assuntos humanos, a reflexão existencialista de Greene contém interessantes pontos de convergência com a educação religiosa confessional, especialmente a adventista. Como declarou Knight (1998, p. 80),

Muitos cristãos têm também achado certos elementos no existencialismo que são congruentes com a revelação bíblica. Por exemplo, o existencialismo é uma revolta contra o materialismo e o conformismo enfatizados pela sociedade moderna. O existencialismo enfatiza a alienação de cada indivíduo do eu, de seus companheiros e do mundo, lidando com a necessidade de cada

pessoa, com o objetivo de enfrentar os assuntos básicos da existência: vida, morte e significado. O resultado dessa ênfase tem levado à auto-avaliação, uma conscientização mais ampla da singularidade de cada pessoa e à responsabilidade de cada pessoa como indivíduo e suas escolhas pessoais.

A avaliação de Knight do existencialismo coincide com algumas ênfases do pensamento de Greene, tais como a necessidade de enfrentar as questões básicas da existência na busca de significado, a percepção do valor inestimável de cada indivíduo e a responsabilidade de servir a outros. Ao enfatizar a dignidade dos seres humanos, o pensamento de Greene converge, em alguns aspectos, com a nobre visão da humanidade como objeto do amor de Deus, expresso através da obra redentora de Jesus Cristo. A insistência de Greene na liberdade humana, a qual implica em pensamento crítico e responsabilidade, lembra a positiva declaração de Ellen White, inspiradora da filosofia educacional adventista:

Todo ser humano, criado à imagem de Deus, é revestido com o poder semelhante ao do Criador: individualidade, poder para pensar e fazer. Os homens nos quais este poder é desenvolvido são os homens que possuem responsabilidades, que são líderes em empreendimentos e que influenciam caracteres. É o trabalho da verdadeira

educação desenvolver esse poder para treinar os jovens para serem pensantes e não apenas mero refletores do pensamento de outros. (WHITE, 1997, p. 17).

Na discussão que se segue, observam-se os conceitos de liberdade, imaginação e comunidade, tais como abordados por Greene, notando-se os pontos de convergência com a educação religiosa adventista.

LIBERDADE

Greene reconhece que o conceito de liberdade tornou-se o principal tema de sua vida, abordando a liberdade sob aspectos negativos e positivos e dando mais atenção a este último. Enquanto a liberdade negativa implica na ausência de interferência, a liberdade positiva é a liberdade de agir em prol do coletivo, a fim de pôr outros em liberdade. Uma educação para liberdade desenvolve o pensamento crítico, acompanhado de reconhecimento e respeito pelo ponto de vista dos outros.

É instrutivo notar que a idéia de liberdade em Greene encontra algumas convergências com a filosofia educacional de White. Esta também articula os aspectos positivo e negativo de liberdade. De acordo com White (1973, p. 154), a liberdade pode ser prejudicial se exercida independentemente da responsabilidade: “a vida de facilidade egoística e liberdade de responsabilidade é o ídolo dos outros”.

Todavia, White enfatiza também a liberdade em um aspecto positivo. Diferente de Greene, no entanto, que concebe liberdade em termos antropocêntricos, White enfatiza um conceito bíblico-teológico de liberdade, a saber, liberdade do pecado, liberdade que emerge a partir de uma vida em harmonia com a vontade de Deus (cf. Jo 8:32). Desse modo, “a única liberdade de uma vontade finita advém da harmonia de fazer a vontade de Deus, de estar em conformidade com a condição que faz o ser humano um colaborador da divina natureza, tendo escapado da corrupção que está no mundo através da cobiça” (WHITE, 1995, p. 57). White enfatiza que a liberdade positiva é estar em obediência com a lei de Deus. “Essa lei é a preservadora da verdadeira independência e liberdade. Ela nos aponta e proíbe as coisas que degradam e escravizam e, dessa maneira, proporciona ao que obedece a ela proteção contra o poder do mal.” (WHITE, 1997, p. 291). Essa liberdade, embora diferente, em certo sentido, da de Greene, resulta em uma condição que se reflete na comunidade, pois é uma liberdade para o serviço em favor de outros.

IMAGINAÇÃO

Greene entende imaginação como a capacidade de ver o mundo de uma maneira diferente e melhor; é este o primeiro passo através do qual algo pode ser mudado. A idéia de imaginação no pensamento de

Greene não é meramente um exercício intelectual e mental, mas um processo dinâmico no qual o indivíduo é levado a conceber um mundo melhor e luta para alcançá-lo ou construí-lo. Tal concepção evoca noções já expressas por escritores bíblicos. Os textos bíblicos “são atos de imaginação que oferecem e propõem mundos alternativos.” (BRUEGGEMANN, 2001, p. x). Os profetas, por exemplo, apresentam “cenários poéticos de realidades sociais alternativas que poderiam levar a uma confrontações direta com os mundos presumidos de forma acrítica.” (BRUEGGEMANN, 2001, xi). Jesus, especialmente em suas parábolas, apresenta um mundo alternativo que apela à imaginação das pessoas. A parábola do bom samaritano, por exemplo, expressa uma visão alternativa sobre quem é o meu próximo. De igual modo, de acordo com Jesus, “o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lc 22: 26).

Jesus desafia o *status quo*, liberando a imaginação da audiência para perceber um novo jeito de ser. Quando essa nova realidade penetrava as mentes da audiência de Jesus, misturando-se com a imaginação das pessoas, elas poderiam imaginar um mundo diferente e, assim, aceitar o reino de Deus. Em Ap 21-22, a visão de um novo mundo, uma nova criação, tem o potencial de ativar a mente com esperança, ao anunciar que o presente estado de coisas

não é o fim, e que Deus terá a palavra final. Uma vez que um mundo alternativo é concebido como possível, surge o impulso de agir de acordo com a oferta de salvação que Jesus oferece. Já se pode alegrar nessas promessas de um mundo novo.

Parece que a educação religiosa adventista não tem enfatizado claramente o conceito de imaginação como capaz de levar pessoas a ação. Embora se presuma que a imaginação deva estar implícita nos trabalhos educacionais adventistas, mais atenção deveria ser dada ao aspecto da imaginação como uma maneira válida de conhecer, o que pode ser útil para fomentar a missão e os alvos confessionais dessa educação. A ênfase de Greene na imaginação fornece um gentil lembrete, para filósofos e teólogos da educação confessional, que dediquem mais atenção ao aspecto “imaginação” em suas reflexões e publicações.

Tanto para Maxine Greene, quanto para a educação religiosa, imaginação e intuição podem ser vistas como forças criativas. Da perspectiva cristã, imaginação criativa é um importante aspecto da imagem de Deus refletida no ser humano. O que deve ser lembrado na educação religiosa é que as Escrituras são sempre normativas. De início, isso pode parecer um fator que inibe, mas quando se entende que a visão de liberdade exarada nas Escrituras conduz à liberdade autêntica e verdadeira, a Escritura torna-se não um estorvo, mas um

facilitador da imaginação e intuição criativa. Sendo assim, a imaginação torna possível a empatia e capacita-nos a cruzar os espaços vazios entre nós mesmos e os “outros.” Greene expressa a convicção de que imaginar as coisas de outra maneira pode ser o primeiro passo para a ação, pois a imaginação indica que as coisas podem ser mudadas. Para tornar essa imaginação real, Greene sugere, então, que as artes devam ter um papel fundamental, já que as artes podem liberar a imaginação e abrir novas perspectivas para identificar alternativas.

COMUNIDADE

Um outro proeminente aspecto do pensamento de Greene repousa na idéia de comunidade. Essa comunidade, qualificada como democrática, deveria ser criada tendo como base o pensamento crítico, democracia, pluralismo e “auto-concientização.” Greene concebe tal comunidade como um lugar onde o espírito é nutrido e pessoas são capacitadas para lidar com a dor e o sofrimento. A comunidade concebida por Greene pode contribuir para a educação religiosa confessional em dois aspectos básicos. Primeiro, quando comunidade é entendida como uma sociedade maior, essa comunidade precisa ser transformada pelo poder do evangelho. Jesus disse que seus seguidores deveriam ser o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5:13-14). A educação adventista, por exemplo,

ênfatisa esse aspecto de comunidade em um contexto mais amplo no qual os cristãos vivem, testificam e têm a responsabilidade de servir.

O segundo conceito de comunidade está relacionado com o companheirismo daqueles que se unem a Cristo e, portanto, estão unidos pelo amor, tolerância e serviço. Esta é a comunidade representada pela igreja e bíblicamente concebida como o corpo de Cristo (1 Co 2:27; Ef 3:6; 4:12; Cl 1:24). Essa comunidade existe em uma comunidade maior e para ela, a saber, a sociedade/mundo. Nas palavras do teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, a igreja, como o corpo de Cristo, “invade a vida do mundo e conquista território para Cristo.” (BONHOEFFER, 1959, p. 232). A idéia de Greene de comunidade democrática onde o espírito pode florescer, e as pessoas são capacitadas para lidar com a dor e o sofrimento, fornece uma sólida estrutura para o entendimento da igreja como uma comunidade de fé que pode exercer influência sobre o mundo e funcionar como agência de Deus para redimir a comunidade maior composta pelos que ainda não aceitaram a Cristo.

Que o conceito de comunidade, no pensamento de Greene, tenha uma implicação significativa para a educação religiosa adventista, percebe-se na pesquisa de Roger L. Dudley e Bailey Gillespie sobre as razões por que adolescentes deixam a igreja. De acordo

com esses pesquisadores, os adolescentes deixam a igreja não por problemas intelectuais com doutrinas, mas porque falta um senso de comunidade expresso nos relacionamentos. Como resultado de seu trabalho, Dudley e Gillespie fazem a seguinte sugestão:

Nós transmitimos mais efetivamente a orientação da graça para nossos jovens quando mantemos um clima amorável e de aceitação em nossa congregação local e pela presença de professores amáveis em nosso sistema educacional. Nós aprendemos melhor e aceitamos a graça através do calor humano, relacionamentos interpessoais de apoio para com as pessoas. Nossa principal tarefa, nos próximos anos, é instruir nossos professores e líderes congregacionais em como se tornar pessoas mais gentis (DUDLEY; GILLESPIE, 1992).

Os adolescentes e jovens querem uma igreja com membros amáveis, receptíveis, humildes, cheios do Espírito de Deus e que realmente se importem com os irmãos e irmãs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como delineada acima, a filosofia educacional antropocêntrica de Maxine Greene parece estranha à percepção adventista da realidade. Todavia, uma análise mais cuidadosa dos principais tópicos filosóficos da reflexão de Greene

(liberdade, imaginação e comunidade) revela significantes pontos de convergência com a educação religiosa adventista. Esses tópicos são fundamentais para um entendimento da educação holística adventista e da educação religiosa confessional de outras persuasões, muito embora não tenha recebido uma ênfase ou exposição na literatura especializada. O conceito positivo de Greene de liberdade, tirado de sua articulação antropocêntrica, encontra ressonância com o conceito de White sobre liberdade como responsabilidade, e também como obediência à vontade de Deus.

A idéia de Greene sobre imaginação apresenta interessante ressonância com o texto bíblico. Como notado, os textos bíblicos, especialmente os textos proféticos, apresentam cenários de realidades sociais alternativas que podem levar diretamente à confrontação com o *status quo*. Semelhantemente, um imaginativo cenário pode ser observado no ministério de Jesus e em seus ensinamentos, através dos quais o Mestre da Galiléia desafiou o *status quo* e propôs realidades alternativas. Ademais, considerando-se que a imaginação é um importante aspecto da imagem de Deus no ser humano, a importância de enriquecer e estimular a imaginação criativa torna-se óbvia.

Concernente ao conceito de comunidade, foi também observado que a idéia de Greene de uma comunidade

democrática também tem implicações para a educação religiosa confessional. Desde que a educação religiosa está comprometida com o serviço à sociedade (a comunidade maior) e à igreja (a comunidade específica), as percepções de Greene sobre a construção de uma comunidade aberta e acolhedora, devem ser levadas em consideração.

REFERÊNCIAS

- BONHOEFFER, Dietrich. **The cost of discipliship**. 2. ed. New York: Macmillan, 1959.
- BOWERS, C. A. An open letter to Maxine Greene on the “problem of freedom in an era of echological interdependene”. **Educational Theory**, v. 41, n. 3, 1991.
- BRUEGGEMANN, Walter. **The prophetic imagination**. 2. ed. Minneapolis: Fortress, 2001.
- DUDLEY, Roger L.; GILLESPIE, V. Bailey. **Valuegenesis: faith in the balance**. Riverside: La Sierra University Press, 1992.
- GREENE, Maxine. **Releasing the Imagination: essays on education, the arts, and social change**. San Francisco: Jossey-Bass, 1995.
- GRENZ, Stanley J. **A primer on postmodernism**. Grand Rapids: Eerdmans, 1996.
- GRIFFIN, David Ray. **God and religion in the postmodern world: essays in postmodern theology**. Albany: State University of New York Press, 1998.
- HOLLINGSWORTH, Sandra. Social responsibility and imagination: lessons and letters. In: AYERS, W. C.; MILLER, J. L. (Eds.). **A light in dark times: Maxine Greene and the unfinished conversation**. New York: Teachers College Press, 1998.
- JAMESON, Frederic. **Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism: post-contemporary interventions**. Durham: Duke University Press, 1991.
- KNIGHT, George. **Philosophy and education: an introduction in Christian perspective**. 3. ed. Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 1998.
- KOHLI, Wendy. Philosopher of/for freedom. In: AYERS, W. C.; MILLER, J. L. (Eds.). **A light in dark times: Maxine Greene and the unfinished conversation**. New York: Teachers College Press, 1998.
- MORRIS, Marla. Existential and phenomenological influences on Maxine Greene. In: PINAR, William F. (Ed.). **The passionate mind of Maxine Greene: “I am... not yet”**. London: Falmer, 1998.
- PINAR, William F. Notes on the intellectual: in praise of Maxine Greene. In: AYERS, W. C.; MILLER, J. L. (Eds.). **A light in dark times: Maxine Greene and the unfinished conversation**. New York: Teachers College Press, 1998.
- WHITE, Ellen G. **Educação**. 7. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. **The faith I live by**: inspirational and doctrinal Bible texts. Washington: Review & Herald, 1973.

_____. **“Ye shall receive power”**: devotional readings from the Bible for 1996. Hagerstown: Review & Herald, 1995.